

Aborto não é pecado

A freira católica afirma que a proibição do aborto é uma hipocrisia da Igreja que só prejudica as mulheres pobres

KAIKE NANNE E MÔNICA BERGAMO

Airmã Ivone Gebara tem 48 anos, nasceu em São Paulo, é freira há um quarto de século e vive no Recife desde 1973. Pertence à Congregação Irmãs de Nossa Senhora, que se dedica à educação de menores carentes. Nesse convívio com os pobres, Ivone formou uma convicção raríssima na Igreja: ela é a favor da legalização do aborto e, pela primeira vez, defende seu ponto de vista publicamente. "A mãe tem, sim, algum direito sobre a vida que carrega no útero. Se ela não tem condições psicológicas de enfrentar a gravidez, tem o direito de interrompê-la", diz. Ao contrário de algumas feministas, a freira afirma que o aborto não pode ter limites legais. Deve valer para todos os casos, e não apenas em situações especiais, como o estupro. "Aborto não é pecado. O Evangelho não trata desse assunto", afirma. A religiosa mantém contatos frequentes com grupos feministas no Brasil e no exterior, em especial o Católicas pelo Direito de Decidir, formado nos Estados Unidos em 1973 e instalado no Brasil no começo do ano.

Formada em Filosofia pela PUC de São Paulo e em Teologia, na Bélgica, Ivone está habituada a adotar posições polêmicas dentro da Igreja. Em 1989, o Vaticano fechou o seminário em que trabalhava no Recife, criado pelo arcebispo dom Hélder Câmara. A Santa Sé entendeu que o seminário, inspirado na Teologia da Libertação, era excessivamente esquerdista. Desde então, a freira consome seu tempo escrevendo livros e viajando para dar palestras. Por opção, vive em Camaragibe, região pobre da periferia do Recife. É autora de seis livros, todos sobre a teologia feminista, publicados pelas editoras Vozes e Paulinas. Há um mês, visitou a Suécia para falar sobre a mulher e a reforma agrária. Na semana passada, de-



"Quem escreveu que não se pode controlar o nascimento de filhos? Foram os padres, homens celibatários"

pois de dar entrevista a VEJA, foi para a Venezuela e a Bolívia. Em janeiro, Ivone embarca para Nova York, onde passará um semestre dando aulas sobre teologia.

VEJA — Nesta semana o papa João Paulo II divulga a nova encíclica, em que deve enfatizar a oposição da Igreja ao controle da natalidade e ao aborto. O que a senhora acha disso?

IVONE — Não há novidade. É uma postura tradicional do Vaticano, já consagrada em outras encíclicas. É a posição de quem

não tem diálogo com o mundo contemporâneo, em especial com o mundo dos pobres.

VEJA — Por quê?

IVONE — A moral católica não atinge as mulheres ricas. Elas fazem aborto e têm os meios econômicos que garantem uma cirurgia em condições humanas. Portanto, a lei que a Igreja defende prejudica as mulheres pobres. O aborto deve ser descriminalizado e legalizado. Mais até: deve ser realizado à custa do Estado. Hoje, o aborto é a quinta causa de mortalidade feminina no Brasil. Quem morre são as mulheres carentes. Diante do fato de que o aborto é inevitável, é melhor fazê-lo em condições de dignidade.

VEJA — Como freira católica, a senhora não deveria considerar o aborto um pecado?

IVONE — O aborto não é pecado. O Evangelho nem trata disso. O Evangelho é um conjunto de histórias que provoca a misericórdia e ajuda na construção do ser humano. A dogmática em relação ao aborto foi fabricada ao longo dos séculos. Quem escreveu que não se pode controlar o nascimento de filhos? Foram os padres, homens celibatários fechados em seu mundo, que

vivem confortavelmente com suas manias. Não têm mulher nem sogra e não se preocupam com filho doente. Alguns até são ricos e têm propriedades. Desse jeito, é fácil condenar o aborto.

VEJA — A lei permite o aborto quando há estupro. Em que casos a senhora acha que o aborto é legítimo?

IVONE — Em todos os casos em que a mãe, seja ela rica ou pobre, não tem condições psicológicas de assumir o bebê. A Igreja se atém ao princípio de que só

quem pode tirar a vida de alguém é Deus. Eu também aceitei essa idéia. Mas hoje acho que a mãe tem, sim, algum direito sobre a vida que carrega no útero. O feto não pode sobreviver sem ela e, nessa osmose primordial, é lícito considerar que não tem sua própria vontade. Se a mãe não tem condições psicológicas de enfrentar a gravidez, tem o direito de interrompê-la.

VEJA — *O que fez a senhora mudar de opinião e defender o aborto?*

IVONE — Meu convívio com as mulheres pobres de Camaragibe me levou a refletir mais sobre esse assunto. As mulheres são extremamente pobres, são vendedoras de bolo e lavadeiras. Elas não têm informação para desenvolver sua vida sexual de forma saudável. Não sabem como evitar filhos e mesmo que soubessem não teriam condições financeiras de fazê-lo porque não dispõem de assistência. Essa situação me levou a uma posição pragmática de defesa do aborto. Mas até agora eu só havia conversado sobre minha postura em encontros fechados, com teólogas e feministas. Meu discurso ainda é tateante. Estou tentando superar dogmas. Se eu fosse padre, a Igreja talvez até me expulsasse do clero. Como freira, tenho mais liberdade. Ainda assim, depois dessa entrevista acho que vou ficar num mato sem cachorro. Sei que minha posição é uma transgressão do pensamento da Igreja, mas resolvi falar porque acho que vou ajudar as pessoas.

VEJA — *A senhora já aconselhou alguma mulher a abortar?*

IVONE — Não. Mas estive perto. Há algumas semanas em Camaragibe, fui procurada por uma mulher psiquicamente doente, mãe de três crianças subnutridas. Contou que teve uma aventura com um desempregado e ficou grávida. Estava desesperada. Conversamos muito, e ela ficou de me procurar de novo. Tinha certeza de que, nessa segunda conversa, eu seria obrigada a dizer: "Aborte". Ela decidiu abortar antes de meus conselhos. Só voltou a mim para pedir que eu a levasse a um médico. Levei-a.

VEJA — *A senhora se sentiu bem?*

IVONE — É preciso entender uma coisa. Outro dia socorri uma mulher que abortou e fiquei impressionada ao ver o feto. É um bebezinho, é como se estivéssemos tirando a chance de aquela vida florescer. O aborto é violento, muito violento. É sempre uma opção traumática, jamais um caminho de alegria. A mulher só aborta se é obrigada pelas circunstâncias. Mas é uma violência que existe e como tal deve ser legislado. Conheci no meu bairro uma menina que engravidou do seu próprio pai aos 14

anos. Nesse contexto, não significa absolutamente nada dizer que a vida está sendo salva ao evitar o aborto. Que vida será salva? A da criança, que será subnutrida e abandonada? A da mãe, que terá seus dramas agravados? O Brasil aborta continuamente seus cidadãos, se não no primeiro mês, ao longo da vida.

VEJA — *As mulheres de Camaragibe não se surpreendem ao ver uma freira defendendo o aborto?*

IVONE — Nunca defendi o aborto abertamente. Além disso, elas nem conhecem o discurso da Igreja sobre o assunto. O mundo dos pobres tem uma ética à parte. É a ética da sobrevivência. Há poucos dias uma empregada doméstica bateu em minha porta e disse que iria se suicidar. Ela tem

"Outro dia socorri uma mulher que abortou e fiquei impressionada ao ver o feto. É um bebezinho, é como se estivéssemos tirando a chance de aquela vida florescer. O aborto é violento. É sempre uma opção traumática, nunca um caminho de alegria. Mas é uma violência que existe e como tal deve ser legislado"

oito filhos: um morreu, três estão com o primeiro companheiro, três com ela e um vive na rua. Ela é uma mulher miserável, vive num barraco de taipa e se sustenta como doméstica diarista. Ficou grávida depois de um relacionamento eventual. Foi ao pai, que lhe disse que não queria a criança. É quase sempre assim: os pais abortam os filhos com palavras. Procurou então a sua patroa, que se negou a lhe dar dinheiro para o aborto. A madame não quis se envolver, mas garantiu que, se houvesse problema clínico, levaria a empregada ao médico depois. Essa é a moral da classe média.

VEJA — *É possível que a Igreja mude de opinião sobre o aborto?*

IVONE — Não dá para prever, mas tão

cedo isso não deve acontecer. Não é coisa para este século. Penso que essa questão não deveria ser discutida como um dogma da Igreja. É uma questão que diz respeito à sociedade civil. A legalização do aborto é necessária e não pode ser impedida por credos religiosos.

VEJA — *Vale a máxima que diz que, se o papa pudesse ter filhos, a Igreja já teria autorizado o aborto?*

IVONE — Essa é uma piada que o pessoal adora fazer com o papa. É fantasia. A questão não é tão simples.

VEJA — *Sua posição sobre o aborto é solitária dentro da Igreja?*

IVONE — A maioria do clero é contra o aborto e reduz o assunto a uma questão puramente privada. Os conservadores falam mais, e sempre com o discurso do respeito absoluto à vida. Mas há padres e freiras a favor, sim. É um segmento mais avançado que só se manifesta nos bastidores e vive num conflito entre aquilo em que crê e o que a instituição pensa. São homens e mulheres dilacerados por conta de suas convicções.

VEJA — *No confessional, eles recomendam o aborto?*

IVONE — Pelo que sei, preferem o silêncio. Defendem a legalização em círculos muito restritos, nunca na esfera oficial.

VEJA — *Como a senhora julga a moral dos padres que condenam o aborto e têm relações sexuais?*

IVONE — A transgressão sempre existiu no interior das organizações religiosas. São muitos os casos, e sei disso porque as próprias freiras acabam comentando. A Igreja Católica desenvolveu uma moral muito rígida que leva a isso. Às vezes, a transgressão é até importante. É um sinal de que é preciso rever leis estabelecidas.

VEJA — *A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil já propôs o fim do celibato. A senhora acha que os padres do ano 2000 poderão casar-se?*

IVONE — Isso vai acontecer, mas, a exemplo do aborto, ainda não neste século. Enquanto tivermos essa cúria romana com a teologia que tem predominado, não haverá meios de pôr fim ao celibato. Chegará o dia em que, se o Vaticano quiser continuar com o clero, terá de ordenar mulheres e homens casados. O celibato é uma prescrição de ordem legal que não faz parte da essência do sacerdócio.

VEJA — *A senhora acha que seria uma freira mais feliz se pudesse casar-se e ter filhos?*

IVONE — Minhas vizinhas em Camaragibe acham ridículo meu jeito de viver. Para elas, é incompreensível não ter um homem e não ser mãe. Em sua simplicidade, elas perguntam quando meu homem vai aparecer e dizem que eu deveria ter filhos para cuidar de mim na velhice. Vai ver estão certas. Vou acabar minha vida sozinha. Às vezes, elas dizem que desejam estar em meu lugar, para não ter com que se preocupar e viver em paz. Cada um carrega um limite em sua escolha. A vida que eu levo tem um peso como qualquer outra.

VEJA — Como a senhora lida com a falta de carinho físico e de sexo?

IVONE — Tive desejos sexuais e continuo tendo, mas sou coerente com a minha escolha. O sexo faz falta, como fazem falta várias coisas em qualquer vida humana. Não é porque o sexo é liberado que as pessoas realizam todas as suas potencialidades. Antes de ser freira, estudei Filosofia na PUC de São Paulo e tive lá meus namorados. Mas o desejo de ajudar as pessoas a ser livres foi mais forte e apostei em outro tipo de vida. A experiência religiosa não é só de renúncia. Você encontra prazer de outro jeito. Não é possível viver sem afeto, sem amizade, sem olhar para os pobres. É possível viver sem sexo.

VEJA — A senhora defende a ordenação de mulheres?

IVONE — Eu não me sentiria à vontade nas tarefas de uma paróquia. Prefiro ficar solta para dar aulas, participar de debates, escrever artigos. Há muitas mulheres de valor que gostariam de se ordenar e têm condições para isso. Mas não basta tirar os que estão de calças e botar quem usa saia se o pensamento dogmático for mantido. É mais importante uma reflexão teológica para mudar algumas cosmovisões da Igreja que estão ultrapassadas.

VEJA — Quais?

IVONE — A tradição cristã se constituiu sobretudo a partir do século III de nossa era, época marcada pelo dualismo grego. A Igreja apresentava o homem como um pecador em oposição ao Deus bom, o corpo em oposição ao espírito. Explicava o mundo de uma forma dual: céu/inferno, bem/mal. Essa espécie de antropologia dualista fez a Igreja considerar o homem melhor que a mulher. Automaticamente, o sacerdócio é dado aos homens, mas as mulheres têm de conquistá-lo. É um comportamento discriminatório, fruto de uma concepção equivocada tanto do ser humano como de Deus.

VEJA — O que vem a ser a teologia feminista?

IVONE — A teologia tradicional acentua imagens masculinas de Deus. A teologia feminista quer mostrar que a raiz da experiência cristã é igualitária e que as estruturas de poder na Igreja podem ser mudadas. Deus não é masculino nem feminino. É tudo. O divino está entranhado no ser humano e vice-versa. A teologia feminista discute o paternalismo da religião, a idéia de esperar Deus fazer e acontecer. É uma expressão da Teologia da Libertação. Nós estamos balançando um pouco o coreto.

VEJA — Que mudanças a teologia feminista provocou na Igreja?

IVONE — Antigamente, a palavra "homem" aparecia nos documentos da Igreja

“Uma doméstica bateu em minha porta e disse que iria se suicidar. Ela já tem oito filhos e estava grávida. Procurou a patroa, que se negou a lhe dar dinheiro para o aborto. A madame não quis se envolver, mas garantiu que, se houvesse problema clínico, a levaria ao médico. Essa é a moral da classe média”

em alusão a toda a humanidade. Hoje se lêem expressões como “irmãos e irmãs” e “Deus, que é pai e mãe”. As mulheres não ensinavam teologia e hoje há muitas professoras.

VEJA — Os protestantes são mais avançados que os católicos?

IVONE — Sim. Há pastoras ordenadas e o espaço das mulheres é cada vez maior. Elas conquistaram isso há mais de vinte anos. O catolicismo ficou para trás.

VEJA — Por quê?

IVONE — As Igrejas que se consideram originárias e mais próximas de Jesus têm dificuldades de absorver mudanças devido ao peso da tradição. É o caso da Igreja Ortodoxa Oriental e da Igreja Católica

Romana. Já a Protestante começou no século XVI, com a Reforma. É uma Igreja de modernidade, de contestação ao catolicismo.

VEJA — As posições tradicionais da Igreja afastam os teólogos do sacerdócio?

IVONE — Sim. Muitos teólogos leigos não pensam em aceitar a ordenação para ter um espaço de militância e um pensamento menos controlado.

VEJA — Por que o catolicismo está perdendo influência no Brasil?

IVONE — Já nem podemos dizer que a maioria da população brasileira é católica. A maior parte é pentecostal, da Assembléia de Deus, da Igreja Universal do Reino de Deus, das Testemunhas de Jeová, e por aí vai. Não ousa falar sobre o interior do país, que conheço pouco, mas nas grandes cidades o catolicismo deixou de ser a religião predominante. Isso se deve, em parte, ao fato de que o pentecostalismo tem apelos que respondem às necessidades da população, cada vez mais carente. Promete as soluções de curto prazo. Esse fenômeno está para a pobreza assim como a crise das Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs, está para a falência do projeto político brasileiro.

VEJA — Por que as comunidades de base estão em crise?

IVONE — Temos que situá-las na conjuntura nacional. O Brasil passa por uma crise política, econômica, social e de esperança que afeta todos os movimentos sociais. Nenhum deles atravessa essa crise ileso. Os teóricos do movimento popular tinham uma grande expectativa em relação às CEBs. Acreditavam que era um fermento de transformação de baixo para cima, dentro da Igreja. E o que aconteceu? A palavra socialismo, tão usada nas lutas populares, caiu em desuso. Acentuamos um discurso utópico sem condições de se realizar. Com todas as apostas, o povo votou em Collor. Não acredito mais nas CEBs como único caminho de libertação.

VEJA — Qual é o caminho?

IVONE — Há grupos de mulheres e ecologistas dando contribuições importantes, lutando para minorar a fome e a miséria. Com ou sem a Igreja, essas pessoas vão construir as alternativas do futuro.

VEJA — E a Igreja Católica?

IVONE — Estamos em crise. O catolicismo pode superar isso. Vem superando através dos séculos. Um primeiro passo seria a revisão de posturas inflexíveis que afastam a Igreja da vida e das carências reais de seus fiéis. ■